



revista
interamericana
de comunicação
midiática

ANIMUS

Anotações para pensar o sujeito nos estudos culturais

Ana Carolina Escosteguy

Resumo: O trabalho pretende recuperar a reflexão sobre o sujeito nos estudos culturais. Nesse sentido, identifica que a preocupação em torno do sujeito vai aparecer, sobretudo, nos estudos de recepção e na reflexão das identidades culturais. Dada a amplitude do tema, restringirei minha reconstituição do debate das identidades ao itinerário proposto por Stuart Hall, pois sua reflexão é de incontestável importância na constituição e atual desenvolvimento dos estudos culturais. E, em relação aos estudos de recepção, minhas observações são construídas a partir da leitura de pesquisas de recepção e de coletâneas que registram o estado-da-arte dessa perspectiva. Após rastrear essas duas rotas dos estudos culturais, concluo que existe um desencontro entre elas.

Palavras-chave: Sujeito - Recepção - Audiências - Identidades culturais - Estudos culturais

Abstract: The article is concerned with the question of the subject within the field of cultural studies. It focuses on two particular paths - the reception studies and the debate on cultural identities - to develop and elaborate the point. The first path is seen by analysing some audience studies and the second is discussed through Stuart Hall's thought on cultural identities. Tracing the ongoing debates on reception studies and cultural identities what I argue is that these two threads fail to meet one another.

Key words: Subject - Reception - Audiences - Cultural identities - Cultural studies

Resumen: El trabajo busca recuperar la reflexión acerca del sujeto en los estudios culturales. Identifica que la preocupación hacia el sujeto viene a aparecer en los estudios de recepción sobretudo y en la reflexión de las identidades culturales. Dada la amplitud del tema, voy a restringir mi reconstitución del debate de las identidades al itinerario propuesto por Stuart Hall, pues su reflexión es de incontestable importancia en la constitución y desarrollo actual de los estudios culturales. Ya en cuanto a los estudios de recepción, mis observaciones se construyen a partir de la lectura de investigaciones de recepción y de recompilaciones que registran el estado del arte desde esa perspectiva. Tras rastrear las dos rutas, concluyo que existe un desencuentro entre ellas.

Palabras clave: Sujeto - Recepción - Audiencias - Identidades culturales - Estudios culturales

Ana Carolina Escosteguy é professora da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUCRS e, também, do programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma instituição; Dra. em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e pesquisadora CNPq. *e-mail:* carola@puccs.br

No amplo e diversificado espaço dos estudos culturais¹ dos anos 90, influenciado por matrizes teóricas distintas como, principalmente, o pós-estruturalismo, o feminismo, a psicanálise e o pós-marxismo, observa-se um interesse crescente no pensar em como se constituem as identidades culturais na condição histórica atual. Tal tema está diretamente relacionado com a discussão sobre o sujeito e sua inserção no mundo, sobre os indivíduos e suas identidades pessoais e coletivas. Em outras palavras, diz respeito a como nos constituímos, percebemos, interpretamos e nos apresentamos para nós mesmos e para os outros.

Mas antes disso, identifica-se uma outra guinada dentro dos estudos culturais. Especialmente naqueles preocupados com a mídia, houve um deslocamento do texto em direção à audiência dos meios massivos e ao seu contexto. A partir dos anos 80 se inicia a constituição de uma vertente que defende que o sentido não é uma propriedade do próprio texto midiático, mas é constituído na interação entre receptores e textos. Tal perspectiva vai, em um primeiro momento, checar as pressuposições à respeito do receptor, construídas ainda nos anos 70, no plano empírico, perseguindo, então, a captura das posições assumidas pelos próprios receptores.² Logo, também, a vertente dos estudos de audiências foi construindo uma noção particular de sujeito no campo dos estudos culturais.

O propósito, aqui, é rastrear essas duas rotas dos estudos culturais com a intenção de reconstituir a noção de sujeito para os estudos culturais. Contudo, não desconheço que desde suas origens esse campo mostra-se aberto a entendimentos diversos, não apresentando uma posição teórica unificada. Porém, também não está composto por um conjunto tão díspar que não revele uma certa unidade. Por essa razão, essas duas rotas devem pelo menos se entrecruzar em algum momento.

Dada a amplitude da temática, restringirei minha reconstituição do debate das identidades ao itinerário proposto por Stuart Hall. Isto se justifica na medida em que devido à ausência de um con-

junto preciso de princípios teórico-metodológicos que defina e delimite o campo dos estudos culturais, ele se funda e organiza em torno de formas de autoridade amparadas em trajetórias intelectuais individuais. A reflexão de Hall é de incontestável importância na constituição e atual desenvolvimento dos estudos culturais.

Em relação aos estudos das audiências, minhas observações são construídas a partir da leitura de algumas das pesquisas de audiência ou recepção, inseridas - é óbvio - no marco dos estudos culturais, e de coletâneas que registram o estado-da-arte dessa área. No entanto, por razões de espaço, não poderei tecer comentários detalhados a partir de cada investigação.

Sobre o sujeito-receptor

A temática da recepção e da densidade dos consumos mediáticos têm seu marco na divulgação do texto *Encoding and decoding in the television discourse*, de Stuart Hall, publicado pela primeira vez em 1973. A partir de um determinado entendimento do processo de comunicação, Hall esboça um modelo de codificação e decodificação, desenvolvendo no mínimo três modalidades de estratégias de leitura/recepção: dominante, oposicional e negociada.

Na verdade, o marco que Hall (1980) introduz, significa o abandono de um modelo behaviorista em direção a um marco interpretativo onde todos os "efeitos" dependem de uma interpretação das mensagens mediáticas pelas pessoas, sendo que as possibilidades de recepção decorrem do pressuposto de que a linguagem não é transparente. Assim, as mensagens mediáticas não têm uma única e mesma decodificação garantida de uma vez e para sempre.

Entretanto, nesse texto não há referências fortes sobre o sujeito-receptor, entendido como alguém concreto e situado em um contexto particular. O ponto-chave em questão trata dos *momentos* do processo de produção na televisão, isto é, um momento determinado - a codificação, articulado a outro momento, o da decodificação. "Produção e recepção da mensagem televisiva não são, contudo, idênticos,

mas são relacionados: eles são momentos diferenciados dentro da totalidade formada pelas relações sociais do processo comunicativo como um todo” (Hall, 1980, p.130).

É principalmente a partir *The Nationwide Audience* (1980), de David Morley, que o receptor, de carne e osso, entra em cena.³ Nesse estudo, Morley se detem em um momento determinado do processo comunicativo: o momento da decodificação. Selecionando grupos distintos e apresentando-lhes o programa televisivo *Nationwide*, Morley pode confirmar a existência de posições distintas diante da mesma mensagem, corroborando a formulação de Hall.

Entre o modelo de Hall e o desenvolvimento mais acentuado dos, hoje, conhecidos como estudos etnográficos de audiência, foram realizadas investigações que ainda tentaram relacionar um determinado texto e sua recepção em um determinado grupo social.

Identifico desse modo as pesquisas de Janice Radway (1984) em *Reading the Romance*, Ien Ang (1985) em *Watching Dallas*; de Dorothy Hobson (1982) em *Crossroads: The drama of a soap opera*; de Jacqueline Bobo (1988) em *The Color Purple: Black women as cultural readers*, entre outras.⁴ Logo em seguida uma série de estudos qualitativos de recepção e audiência indicaram a formação de uma nova matriz: a etnografia de audiência - entre outros, Gray (1987, 1992); Gillespie (1995).⁵

Em termos gerais, observa-se a reivindicação desses estudos em focar a localização social, cultural e sub-cultural do receptor, assim a audiência não é mais vista como formada por indivíduos isolados. Os indivíduos estão definidos por diferenças, baseadas na classe, no gênero, na raça, na etnia, na idade e em relações sub-culturais. E, sobretudo, os membros da audiência são vistos como ativos, pois entendeu-se que os textos mediáticos abriam espaço para a resistência e reação da audiência.

O eixo dessas pesquisas se concentra na atividade da audiência, na idéia de que ela produz/constrói sentidos a partir das mensagens midiáticas. E que a maioria desses significados são leitu-

³ MORLEY, David. *The Nationwide audience*. London: British Film Institute, 1980.

⁴Metodologicamente, algumas dessas pesquisas já ensaivam uma aproximação à etnografia: ANG, Ien. *Watching Dallas: Soap opera and the melodramatic imagination*. Londres: Methuen, 1985.

BOBO, Jacqueline. The Color Purple: Black Women as cultural readers. In PIBRAM, Deidre E. (org) *Female Spectators - Looking at film and television*. Londres: Verso, 1988. p. 90-109.

HOBSON, Dorothy. *Crossroads: The drama of a soap opera*. Londres: Methuen, 1982.

RADWAY, Janice. *Reading the romance: Women, patriarchy and popular literature*. Chapel Hill/Londres: University of North Carolina Press, 1984.

⁵ GILLESPIE, Marie. *Television, ethnicity and cultural change*. Londres: Routledge, 1995.

GRAY, Ann. Behind close doors: video recorders in the home. In BAHER, H. e DYER, G. (orgs.) *Boxed in-Women and television*, Londres/Nova Iorque: Pandora, 1987. p. 38-50.

GRAY, Ann. *Video Playtime: The gendering of a leisure technology*. Londres:Routledge, 1992.

ras resistentes, traduzidas em discursos coerentes que expressam os interesses, os desejos e os prazeres da audiência.

Raros são os trabalhos que apontam para o fato de que as respostas reais dessas audiências não se apresentam de forma tão óbvia e clara como um contra-discurso coerente. Mesmo situado dentro dos limites dos estudos culturais e sua preocupação com a audiência, o estudo de Joke Hermes (1995) pode ser utilizado para exemplificar essa exceção.⁶ Ao realizar oitenta entrevistas em profundidade com leitores de revistas femininas, Hermes (1995) confessou seu desalento diante das afirmações coletadas de que esses textos não tinham nenhuma – ou quase nenhuma – importância no cotidiano de seus leitores.

Comentando a respeito de seu trabalho de campo, Hermes (1995, p.12) diz: “as entrevistas foram um sucesso em termos de interação social. Embora entrevistar seja um trabalho cansativo, eu apreciei fazê-lo. [...] Os informantes foram muito falantes, mas eles não tinham muito a dizer sobre as revistas femininas. [...] Falando em termos gerais, a prática de leitura aparentemente não levava a uma reflexão nem a um envolvimento que estivesse pronto e fosse possível ser comunicado, embora muitos deles tivessem um conhecimento genérico sobre essas revistas”. Em sua pesquisa, Joke Hermes (1995) acaba questionando a visão geral dos estudos de audiência que associa o uso cotidiano dos meios com uma leitura atenta e significativa.

Porém, a grande maioria das investigações centradas na audiência salienta que os receptores constroem seus próprios sentidos, sabem o que estão fazendo, preenchem suas necessidades e usam a mídia para seus propósitos. Assim se poderia sintetizar que o sujeito-receptor é visto como um indivíduo, embora o social seja reconhecido dentro do individual através das múltiplas posições que ele assume.

O sujeito-receptor, também, é encarado como um indivíduo racional, por isso sua resistência está localizada em posições interpretativas e cons-

⁶HERMES, Joke. *Reading women's magazines*. Londres: Polity Press, 1995.

⁷ Talvez este aspecto não esteja suficientemente teorizado.

cientes, reveladas pelos seus próprios relatos que, por sua vez, compõem o eixo de sustentação de tais pesquisas.

Enfim, a audiência para os estudos culturais constrói ativamente sentidos, resiste à dominação e faz isso conscientemente, configurando um sujeito que é transparente para ele próprio. Mas como essa noção de sujeito se integra com posturas dentro dos estudos culturais, como a de Hall, que enfatizam a multiplicidade de posições do sujeito e seu profundo descentramento na condição contemporânea?

Sobre as identidades

O debate sobre as identidades oscila basicamente entre duas grandes matrizes: o essencialismo e a construção social. A primeira posição é caracterizada por compreender a existência de grupos e/ou comunidades através de uma categoria inerente e inata aos mesmos, e a segunda posição, por atribuir a sua presença como um produto social.

De forma genérica, pode-se dizer que os estudos culturais assumem uma posição que concorda que as identidades são culturalmente construídas e historicamente condicionadas. Dentro desse âmbito, diversas idéias-chave marcam a contribuição de Stuart Hall sobre a identidade no mundo contemporâneo.

Para Hall, a identidade é uma categoria política e culturalmente construída. Como figura discursiva, para compreendê-la precisamos conceituá-la. Adquirindo sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos, a identidade é relacional, pois depende de outra identidade para existir. Mas, a identidade é, também, um processo social, pois ela articula ou "sutura", como prefere Hall (1999, p.12), o sujeito à estrutura.⁸

A experiência da diáspora que se desconecta do sentido estrito da dispersão dos judeus ou de outros povos por motivos políticos ou religiosos, em virtude da perseguição de grupos intolerantes, é para Hall a síntese de como as identidades culturais se configuram hoje.

Essa idéia enfatiza tanto um deslocamento

⁸ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

espacial quanto temporal. Este último sentido relaciona as identidades à permanência de uma ligação com o passado - mesmo que possa estar associado à imagem de um passado em ruínas. Por essa razão, Hall vai discutir a formação das novas formas de identidades ligadas ao recontar o passado através da memória. Assim como a afirmação da diferença e da etnicidade (características culturais como língua, religião, costumes, tradições, sentimento de "lugar") são outros de seus elementos constituintes.

As identidades na modernidade tardia são o produto de várias histórias e culturas interconectadas (Hall, 1999, p.89), pertencem a um e, ao mesmo tempo, a vários 'lugares', por isso, a hibridação imprime sua marca e a fluidez da identidade torna-se ainda mais complexa pelo entrelaçamento de outras categorias socialmente construídas (sexualidade, incapacidade física, geração, etc), além das de raça, gênero, classe e nação.

Essas últimas categorias somadas à narrativa do Ocidente, segundo Hall, são "as grandes identidades coletivas sociais" que não desapareceram, mas não têm mais a força de antes. Como pensar, então, a problemática da identidade na esteira do esmaecimento dessas "grandes identidades", sendo que elas já não têm mais o poder explicativo e compreensivo que tiveram? Esse questionamento é ainda mais crucial em relação à classe, pois esta era o principal referente de posição social. E, hoje, a posição de classe é desvalorizada em favor de uma noção de múltiplas posições onde conta, sobretudo, o gênero e a etnicidade.

Se um sentido de identidade se perdeu, precisamos de outro. Isso faz com que tornemo-nos cientes de que identidades não são nunca completas, finalizadas. Ao contrário, estão em permanente processo de constituição. São narrativas, discursos contados a partir do ponto de vista do Outro. "[...] identidade é sempre em parte uma narrativa, sempre em parte um tipo de representação. Está sempre dentro da representação." Identidade não é algo que é formado fora e, no final, nós narramos histórias sobre ela. *É o que está narrado na nossa*

⁹ Para Hall, eventos, relações e estruturas têm condições de existência e efeitos reais fora da esfera do discursivo, mas é somente dentro do discursivo que eles podem adquirir sentido. Por essa razão, as representações têm um papel constitutivo, formativo e não meramente reflexivo e expressivo, na constituição da vida política e social.

HALL, Stuart. Old and new identities, old and new ethnicities. In KING, Anthony D. (org.), *Culture, Globalization and the World-System*. Londres: Macmillan, 1991.p.41-68.

¹⁰ HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora. In Rutherford, Jonathan (org.). *Identity - Community, Culture, Difference*. Londres: Lawrence & Wishart, 1990. p.222-237.

¹¹ HALL, Stuart. Reflections upon the Encoding/Decoding model: An interview with Stuart Hall. In CRUZ, Jon e LEWIS, Justin (orgs.). *Viewing, Reading, Listening - Audiences and Cultural Reception*, Boulder /San Francisco/Oxford:Wetview Press, 1994. p. 253-274. Publicado em português como Reflexões sobre o modelo de codificação/decodificação- Uma entrevista com Stuart Hall, in HALL, S. *Da diáspora - Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Introduction: Who needs *Identity*? In HALL, Stuart e du GAY, Paul (orgs.). *Questions of Cultural Identity*, London: Sage, 1996a. p.1-17. Publicado em português como Quem precisa da identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.103-133.

própria pessoa (Hall, 1991, p.49, grifo meu).⁹

Hall concebe a identidade articulada ao passado e presente, em permanente construção, atravessada tanto pelos discursos públicos quanto pelas práticas e experiências dos sujeitos, entranhados numa determinada conjuntura histórica. A identidade, então,

é um assunto de *chegar a ser* como também de *ser*. Pertence ao futuro tanto quanto ao passado. Não é algo que já existe, transcendendo lugar, tempo, história e cultura. As identidades culturais vêm de algum lugar, têm histórias. Mas, como tudo o que é histórico, elas sofrem uma transformação constante. Longe de estarem eternamente fixas num passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo *jogo* da história, da cultura e do poder. Longe de estarem fundadas numa mera *reprodução* do passado que está esperando ser encontrado e que, quando encontrado, assegurará nosso sentido de nós mesmos até a eternidade, as identidades são os nomes que damos às diferentes maneiras como estamos situados pelas narrativas do passado e como nós mesmos nos situamos dentro delas. (Hall, 1990, p. 225).¹⁰

Dentro desse contexto, como já foi dito, Hall presta acurada atenção às identidades "diaspóricas", isto é, o que a experiência da "migração" afeta a identidade, pois ninguém se translada de um lugar a outro ou herda e se apropria de culturas diversas sem ser afetado por essa experiência. E, aqui, as características da hibridiz e do movimento integram-se às características, anteriormente descritas, na constituição das identidades.

Mas resta pelo menos um aspecto que necessita ser sinalizado. A problemática da identidade, também, remete ao nível psíquico, a dimensões e desejos inconscientes, a ações racionais e irracionais, o que implica a existência de contradições. Stuart Hall tem presente que aí - no vínculo entre a ordem social e a psíquica - reside um núcleo perturbador de questões, mas admite que isso talvez não possa ser pesquisado (1994, 1996a).¹¹

Precárias anotações finais

A problematização das identidades culturais que corresponde a um determinado entendimento de sujeito, em Hall ocorre no plano discursivo, mas ele não subscreve uma posição teórica que diz que "nós não somos nada senão reflexos do discurso de um outro" (1994). Já os estudos de audiência capturam o sujeito-receptor no plano empírico, dão corpo e consciência ao sujeito mediante a captura de suas experiências no cotidiano, revelando uma concepção racionalista de sujeito.

Entretanto, se as investigações das audiências se pretendem originadas no modelo de codificação/decodificação de Hall, é importante contrapor alguns pressupostos de tal modelo, recuperando inclusive comentários do próprio autor, e como esses estudos vem trabalhando algumas noções que deveriam estar ajustadas tanto com aquela proposta como com suas reflexões mais atuais.

Em 1994, em uma entrevista onde avalia a formulação das idéias expostas no artigo citado (1980), Hall diz:

Meu modelo é totalmente cognitivo. Não é verdadeiro, penso dizer que no centro dele está o sujeito cartesiano: já se trata do sujeito descentrado, mas de um tipo de sujeito descentrado cognitivo; ainda se trata de um sujeito atuando com muitos códigos interpretativos; mais ainda não é um sujeito com um inconsciente.

Acredito que os estudos das audiências *tenham* trabalhar com um sujeito descentrado, pois ele é configurado por diversas posições, sobretudo, pelo gênero e por sua geração e, mais recentemente, pela raça e etnicidade. Assim como, em outro lugar Hall diz que a posição de classe já não tem mais tanta importância na constituição das identidades, também essas investigações não têm essa categoria como central na constituição dos sujeitos-receptores.

Porém, esse sujeito é completamente um indivíduo racional e consciente. Parece agir, então, como um sujeito unificado e não fraturado em distintas posições o que poderia levá-lo a assumir posicio-

namentos contraditórios. E uma outra questão é que não existe ainda nenhuma - ou quase nenhuma - preocupação, nos estudos das audiências, com o aspecto inconsciente. Entretanto, hoje, Hall está preocupado em compreender o problema da identidade tanto através do repertório discursivo quanto do psicanalítico para dar conta tanto da ordem social quanto da realidade psíquica (imaginária). Não que já tenha resolvido essa questão, mas pelo menos sinaliza a existência de tal problemática. O mesmo não pode ser dito para os estudos das audiências.

Retomo os comentários de Hall (1994) para indicar uma possível razão para os estudos de audiência eximirem-se de contornar tal questão:

Quando ele se torna um sujeito com um inconsciente no qual a textualidade também envolve a resposta prazerosa ou o consumo prazeroso do texto, é muito difícil saber, empiricamente, como você vai descobri-lo de alguma maneira identificável comportamentalmente, observacionalmente. Um dos problemas desse último desenvolvimento da teoria crítica é que ela amplia nosso entendimento do quanto realmente é complexo o significado e de quantos lugares diferentes de determinação estão envolvidos [nos processos culturais]. Nós sabemos muito mais sobre eles, mas de fato estamos menos seguros em conseguir lhes dar um momento de pesquisa empiricamente demonstrável, e isso é uma das razões por que um dos problemas hoje é que todo o mundo é crítico literário, o que não deixa de ser surpreendente após trinta anos.

Um último ponto merece ser destacado. Hall identifica que a importância de discutir sobre as identidades reside, pelo menos em parte, na centralidade que essa temática assume para a questão da agência e da política. Porém, ressalta que ao falar em agência não quer "expressar nenhum desejo de retornar a uma noção não-mediada e transparente de sujeito como o autor centrado da prática social" (Hall, 2000, p.105), nem tampouco pretende adotar uma abordagem tão soberana de sujeito que o coloque tanto como origem quanto como fim último.

Do meu ponto de vista, mais uma vez os estudos de recepção se distanciam da posição de Hall, pois atribuem uma agência relativamente autônoma aos membros individuais da audiência o que pode estar excluindo as estratégias de poder da mídia que estão a todo instante tentando construir nosso papel como consumidores soberanos.

Os estudos de recepção reivindicam, legitimamente, que os textos mediáticos adquirem sentido no ato de sua leitura. Porém, o que me parece problemático e perigoso é que essas investigações revelam quase permanentemente um sujeito ativo e consciente de seus atos, ou seja, é uma audiência que sabe o que faz, logo escolhe o que vê. Se for assim, os estudos culturais - ou melhor, uma versão deles - correm o risco de dar sustentação as teses, por exemplo, da televisão brasileira de que é a audiência que exige a programação que *está aí* e que qualquer tentativa da sociedade em delimitar alguns princípios éticos e morais, é pura censura.

Resta enfatizar que todas as anotações, aqui, apresentadas caracterizam-se tanto por sua provisoriade como por sua precariedade, na medida em que este é um debate que está em pleno andamento na atualidade.

Outra bibliografia

- ALASUUTARI, Perti (org.) *Rethinking the Media Audience*. Londres: Sage, 1999.
- BOBO, Jacqueline. *Black wo-men as cultural readers*. Nova Iorque: Columbia University, 1994.
- HALL, Stuart. Minimal selves. In GRAY, Ann e MCGUIGAN (orgs.), *Studying Culture - An Introductory Reader*. Londres/Nova Iorque: Arnold, 1993 [1987]. p. 134-138.
- HALL, Stuart. The meaning of New Times. In MORLEY, David e CHEN, Kuan-Hsing (orgs.). *Stuart Hall - Critical Dialogues in Cultural Studies*. Londres/Noa Iorque: Routledge, 1996b. p. 223-237.
- HALL, Stuart. New ethnicities. In MORLEY, David e CHEN, Kuan-Hsing (orgs.). *Stuart Hall - Critical Dialogues in Cultural Studies*, Londres/ Nova Iorque: Routledge, 1996c [1989]. p.441-449.
- HALL, Stuart. The centrality of culture: Notes on the cultural revolutions of our time. In THOMPSON, Kenneth (org.), *Media and Cultural Regulation*. Londres: Sage, 1997. p. 207-238.
- LARRAIN, Jorge. *Modernidad, razon e identidad en America Latina*. Santiago de Chile: Andres Bello, 1996.